

Meio rural atrai profissionais

AJ 0036 Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca
Aproveitando a onda de agronegócios no Estado, profissionais liberais partem para a atividade rural

SANNIE ROCHA

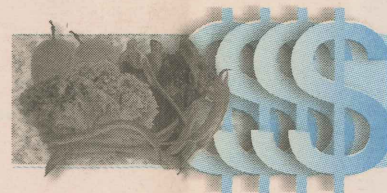
O crescimento do agronegócio no Espírito Santo – uma atividade que mobiliza mais de 100 mil pessoas atualmente nos principais pólos produtivos do Estado e que representa um terço de todas as riquezas capixabas – está atraindo uma no-

va leva de investidores.

São médicos, advogados, contadores, bancários e engenheiros que, mesmo com uma carreira sólida, se sentiram atraídos pela possibilidade de um negócio rentável e, ao mesmo tempo, livre do estresse diário em grandes empresas e escritórios.

É gente que teve a coragem de abandonar os anos na faculdade, o concurso ou o trabalho que muitos gostariam de ter para investir no agronegócio e conseguir se dar bem.

A bancária Elizabeth Siebovitz Tana-



ka, de 42 anos, é uma dessas pessoas. Há três anos elas decidiu abandonar o emprego do Banco do Brasil e pedir licença no Tribunal de Justiça para plantar flores e café em Biriricas, Domingos Martins.

Atualmente, como presidente da Associação Capixaba de Floricultores (Açaflor) ela tem a esperança de conseguir transformar a atividade em um bom negócio no Estado, onde os produtores possam substituir a produção que vem de outros estados.

O engenheiro mecânico Clóvis Falqueto, o Bil, de 46 anos, está há mais tempo no ramo. Depois de cinco anos fazendo o curso na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), se formou em 1989 e hoje planta café conilon e abacate que exporta para a Europa.

Outro que cursou faculdade de Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e abandonou tudo para ter uma produção diversificada foi Marcus Nicodemus Cysne.

“Se eu tivesse continuado seria um professor de faculdade e não teria o rendimento que tenho”, contou.



Marcus Nicodemus Cysne: professor e produtor

FOTOS: DIVULGAÇÃO/ROMERO MENDONÇA - SECOM

ANTONIO MOREIRA/AT



Elizabeth Tanaka deixou empregos em busca de saúde

O MAPA DO AGRONEGÓCIO



Noroeste 1
Pecuária de corte
Silvicultura (floresta plantada)
* Fruticultura (abacaxi e limão)

Noroeste 2
Heveicultura (seringueira)
Café conilon
Suinocultura
* Fruticultura (abacaxi, coco e limão)

Sudoeste Serrana
Café Arábica
Agroturismo
Olericultura (hortaliças)
Pólo Avícola
* Fruticultura (manga, laranja, tangerina, morango e limão)

Central Serrana
Café arábica e conilon
Olericultura (hortaliças)
Agroturismo
Pólo Avícola
* Fruticultura (limão, morango, tangerina e banana da terra)

Caparaó
Turismo ecológico
Pólo de café arábica
Piscicultura
* Fruticultura (mamão, morango, laranja, tangerina e limão)

Pólo de Colatina
Pólo de café
Pecuária
* Fruticultura (manga, limão e coco)

Pólo de Cachoeiro
Agroturismo
* Fruticultura (abacaxi, maracujá, bananas prata e cavendish, laranja e limão)

Extremo Norte
Pecuária
Silvicultura (floresta plantada)
* Fruticultura (abacaxi, goiaba, maracujá, limão, coco e mamão)

Litoral Norte
Café conilon
Palmito Pupunha
Heveicultura (seringueira)
Silvicultura (floresta plantada)
* Fruticultura (mamão, goiaba, limão, maracujá, abacaxi e laranja)

Pólo de Linhares
Heveicultura (seringueira)
Silvicultura (floresta plantada)
* Fruticultura (goiaba, limão, laranja, banana cavendish, maracujá e mamão)

Região Metropolitana
* Fruticultura (bananas prata, da terra e cavendish, coco e limão)

Metropolitana Expandida Sul
Pólo sucroalcooleiro
Piscicultura e pesca
Pecuária Leiteira
* Fruticultura (abacaxi, bananas prata e cavendish, coco, laranja e limão)

* Há municípios onde ainda não existe plantação de algumas das frutas específicas, mas as áreas foram analisadas por técnicos do Incaper e existem condições de produção em cada região destacada.

Fonte: Secretaria de Estado da Agricultura (Seag).

Bancária opta por flores

Por causa de Lesão por Esforço Repetitivo (LER), Elizabeth Siebovitz Tanaka foi parar no médico e descobriu que estava com uma doença degenerativa e precisava viver no campo para ter mais qualidade de vida.

Por essa razão, ela pediu demissão do Banco do Brasil há três anos e pediu afastamento do Tribunal de Justiça, seu segundo trabalho. Ambos concursados.

“Fiquei durante todo esse tempo afastada e buscando minha aposentadoria. Só consegui há alguns meses. Mas agora estou feliz e quero contribuir para que as flores do Estado ganhem mercado”, salientou.

Para tanto, Elizabeth está pesquisando o código genético de antúrios para modificá-los e ficarem diferentes, coloridos e despertarem mais interesse do mercado externo.

Contando pés de goiaba

Com os pés de goiaba ainda crescendo, o contador Alexandre Luiz Reis tem a expectativa de colher aproximadamente 40 toneladas da fruta por hectare. São 200 hectares plantados.

Alexandre já trabalhou como contador para empresas como Locatelli e até como caixa do banco Itaú. Mas é mesmo com a terra que ele gosta lidar, apesar de ainda não ter abandonado os números na cooperativa que os produtores da região participam.

A pretensão dele é fornecer para a Sucos Mais, mas há supermercados sondando a produção das goi-

bas in natura, que têm um preço mais elevado.

“No mercado, a fruta para suco é vendida a R\$ 0,50, enquanto vendemos a R\$ 1,20 in natura. Mas também temos que pensar que perdemos mais com a fruta natural do que a polpa para o suco”, contou.

Alexandre disse ainda que o investimento para plantar as goiabas foi bem grande. Somente com irrigação foram gastos R\$ 22 mil e, como tinha um financiamento para a cana, nenhum banco aceitou autorizar o crédito.



Alexandre é contador